

11º Plano de Pastoral - 2013 - 2016

(Texto Provisório)

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO: TESTEMUNHA DE JESUS CRISTO NA CIDADE

I PARTE

UMA IGREJA EM CAMINHO

1. Atenta à sua história

1. A Conferência de Aparecida (2007) constituiu para a Igreja na América Latina e Caribe um tempo precioso, um dom do Espírito Santo para o nosso Continente, capaz de levá-la a uma retomada de consciência da sua missão de “ajudar os fiéis cristãos a viverem sua fé com alegria e coerência, a tomar consciência de ser discípulos e missionários de Cristo, enviados por ele ao mundo para anunciar e dar testemunho de nossa fé e amor (cf. BENTO XVI, Discurso Inaugural da V Conferencia Episcopal Latino Americana e Caribenha, em Aparecida, aos 13 de maio de 2007).
2. As grandes intuições e luzes contidas no Documento de Aparecida, marcaram nestes últimos anos muitas iniciativas pastorais do CELAM, da CNBB, sobretudo no que diz respeito à elaboração das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja do Brasil (2007-2011), e nossa Arquidiocese de São Paulo no seu 10º Plano de Pastoral (2009-2012) cujo tema “Discípulos-missionários na cidade de São Paulo” revela a íntima sintonia da Arquidiocese com a Conferência de Aparecida.
3. No Caminho percorrido pela Arquidiocese de São Paulo, foram dados passos importantes no que tange à formação para o discipulado e para a missão: em 2008, a celebração do Centenário da Arquidiocese que coincidiu com o Ano Paulino, foi dado um grande impulso à ação evangelizadora na cidade com o lema “Deus habita esta cidade” e a proclamação de São Paulo como Patrono da Arquidiocese; em 2010, a realização do Congresso de Leigos com o tema “Vós sois o sal da terra...Vós sois a luz do mundo” (Mt 5,13.14); e nestes últimos dois anos (2011-2012) com o Destaque Pastoral “Paróquia: comunidade de comunidades”, e a publicação da Carta Pastoral de nosso Arcebispo, o Cardeal Dom Odilo Pedro Scherer: “Paróquia: torna-te o que tu és!”.
4. É seguindo este caminhar da Igreja na cidade de São Paulo que o 11º Plano de Pastoral encontra-se hoje diante do desafio de orientar a Pastoral da Arquidiocese nos próximos quatro anos, na grande cidade de São Paulo, de como despertar nossos fiéis para o ardor missionário, comprometido com a transmissão da fé às novas gerações e a promoção da vida e da dignidade da pessoa humana de que forma envolver os jovens nas estruturas e organismos de nossa Igreja, tornando-os agentes da Nova Evangelização e testemunhas da Esperança, e o que fazer para que a celebração dos 50 anos do início do Concílio Vaticano II desperte nos corações e nas estruturas eclesiais os valores preconizados pelo próprio Concílio,

ou seja, a busca da santidade, a eclesiologia da comunhão, o diálogo com o mundo, a defesa da vida e a promoção da justiça e da paz.

5. Algumas referências são importantes para este 11º Plano, que dá continuidade à caminhada realizada pela Arquidiocese de São Paulo: o próprio 10º Plano de Pastoral “ Discípulos-missionários na cidade de São Paulo” (2009-2012), o Projeto de Animação Missionária Permanente (PAMP) do Regional Sul 1 da CNBB, a Conferência de Aparecida, a Exortação Apostólica “Verbum Domini” do Papa Bento XVI publicada em 2010, as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2011-2015), o “Ano da Fé” promulgado pelo Papa Bento XVI (11-10-2012 a 24-11-2013) e a Jornada Mundial da Juventude que ocorrerá em julho de 2013, na cidade do Rio de Janeiro.
6. Ainda como referência para o 11º Plano de Pastoral deve-se destacar a celebração dos 50 anos do início do Concílio do Vaticano II e os 20 anos da publicação do Catecismo da Igreja Católica, como propõe o Papa Bento XVI na Carta “Porta fidei” (Porta da fé).

2. Na fidelidade a Jesus Cristo

7. Um Plano de Pastoral é sempre um instrumento, uma ferramenta que a Igreja utiliza para traduzir na prática as referências fundamentais da vida e da ação da Igreja, contidas na revelação em Cristo, na Sagrada Escritura, na Tradição da Igreja, no Catecismo da Igreja Católica, nas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2011-2015).
8. A primeira referência fundamental que se impõe na elaboração do Plano de Pastoral é a própria pessoa de Jesus Cristo. A Igreja é chamada o “corpo missionário” de Jesus e sua testemunha no mundo.

“Toda ação eclesial brota de Jesus Cristo e se volta para Ele e para o Reino do Pai. Jesus Cristo é nossa razão de ser, origem de nosso agir, motivo de nosso pensar e sentir. Nele, com Ele e a partir d’Ele mergulhamos no mistério trinitário, construindo nossa vida pessoal e comunitária. Nisto se manifesta nosso discipulado missionário: contemplamos Jesus Cristo presente e atuante em meio à realidade, à sua luz e compreendemos e com ela nos relacionamos, no firme desejo de que nosso olhar, ser e agir, sejam reflexos no seguimento, cada vez mais fiel, ao Senhor Jesus. Não há, pois, como executar planejamentos pastorais sem antes pararmos e nos colocarmos diante de Jesus Cristo” (DGAE 2011-2015, n.4)

9. A afirmação do Papa Bento XVI no início da sua Carta Encíclica “Deus Caritas Est” (Deus é Amor) nos ajuda a compreender a importância de pensar nossa ação pastoral, tendo os olhos fixos em Cristo: “no início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande idéia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo”.

10. Toda ação pastoral não pode dispensar ou dar por suposto o encontro com Jesus Cristo, sem correr o risco de correr em vão, ou construir sobre o vazio. Assim, toda a ação pastoral deve ter como ponto de partida e meta: o encontro com Jesus Cristo Vivo e Ressuscitado.
11. Neste encontro, não é inútil repetir, a iniciativa é obra de Deus, é fruto da ação do Espírito Santo que leva ao encontro com Jesus Cristo. É Ele, Jesus, que quer encontrar-se conosco. É Ele que nos procura pessoalmente para estabelecer uma vida de amizade e comunhão conosco. É Cristo sempre que convida e por isso dá o primeiro passo. À pessoa humana sempre cabe a liberdade de aceitar ou recusar, acolher ou rejeitar a graça que o Senhor lhe concede.
12. A experiência de Paulo no caminho de Damasco é emblemática. Quando fala deste seu encontro pessoal com o Ressuscitado, Paulo fala de algo que o ultrapassa, algo que ele não foi capaz de produzir, que escapou às suas estratégias e meios. Trata-se de algo inexplicável.
13. Paulo diz ter sido “alcançado por Cristo”. Poderíamos dizer que se trata de algo que não podemos senão suplicar e abrir-nos para a acolhida e a gratidão. É algo estupendo e inimaginável. Deus nos amou de tal modo que Ele assumiu a nossa forma, o nosso jeito. Ele se fez pouco...se fez pão...tornou-se Crucificado...é quase Nada. Tudo é sustentado por Ele. Tudo é sustentado por um Deus que se fez Belém, se fez Cruz!
14. Um encontro que tem na Encarnação o seu emblema: “Aquele que, sendo rico, se fez pobre para a todos enriquecer (cf. 2Cor 8,9), Aquele que armou sua tenda entre os homens, o Filho único do Pai, cheio de amor e fidelidade (cf. Jo 1,14), Aquele que sendo de condição divina, não se fecha em si mesmo, mas se esvazia até a morte e morte de Cruz (cf. Fl 2,5ss), e, à diferença das aves do céu e das raposas, não tem sequer onde reclinar a cabeça (Mt 8,20).
15. Jesus Cristo é incessante e eterna entrega, dom de si para o outro. É contínuo convite ao seguimento, em meio às diferenças e desencontros. O encontro com Jesus é acolhimento da graça do Pai que, pela força do Espírito, revela o Salvador e atua no coração de cada pessoa, possibilitando-lhe esta resposta.
16. Na perspectiva das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja do Brasil, o serviço e a gratuidade marcam a vida do discípulo missionário de todos os tempos (n. 8).
17. Serviço: Jesus vive como “ser-para-os-outros”. Sua existência está voltada para o outro. Os muitos encontros de Jesus no Evangelho comprovam o quanto para Jesus o outro é importante. Ninguém lhe é indiferente, mesmo os que são diferentes dele. Todos são considerados por Ele. A partir de Cristo compreendemos a fraternidade que nos une: todos irmãos! A diferença do outro não pode ser motivo para nos afastar, mas nos unir. O diferente torna-se sempre

apelo ao encontro, ao diálogo, à partilha e ao intercâmbio de vida e solidariedade. A vida só se ganha na entrega, na doação. “Quem perder a sua vida por causa de mim a encontrará” (Mt 10,39).

18. *Gratuidade*: A existência de Jesus é graça. A sua lógica é a do gratuito. Ele é Aquele que, saindo de si, vai ao encontro dos outros, nada esperando em troca. Gratuidade está na lógica do dom, do dom sem reserva, sem esperar retribuição. É a lógica do samaritano que ultrapassa todos os limites e medidas quando precisa socorrer aquele que está abandonado à beira do caminho. S. Agostinho, quando lê a parábola do bom samaritano, vê nele o Cristo que descendo de sua cavalgadura divina debruça-se sobre a humanidade espoliada de sua dignidade e abandonada à beira do caminho, coloca vinho e azeite nas suas feridas e confia-a à Igreja (hospedaria), prometendo recompensar todo bem que lhe é feito.
19. Gratuidade e serviço são, portanto, modos de compreender o que há de mais decisivo em Jesus Cristo: a saída de si, rumo à humanidade marcada pelo pecado, fonte de dor e morte. Jesus nos mostrou que não se vence o mal com o mal (cf. Lc 11,14-22). O mal é vencido pela graça derramada abundantemente no coração das pessoas, pela efusão do Espírito Santo.
20. A referência a Jesus Cristo não se esgota na perspectiva do dom e do encontro, mas vai além; ela se revela em assumir seu jeito de ser, assumir sua missão, identificar-se com Ele assumindo seus gestos e suas atitudes.
21. Neste sentido será importante considerar os múnus de ensinar, santificar e governar de Jesus Cristo, como paradigma para a ação da Igreja.
22. Na sua Carta Pastoral “Paróquia: torna-te o que tu és!”, Dom Odilo, nosso Arcebispo, afirmava, referindo-se à paróquia:

“Na paróquia torna-se presente e se realiza a tríplice missão de Cristo – o anúncio da Boa Nova, a santificação da humanidade e o serviço pastoral – que é a razão de ser da vida e da ação de toda a Igreja e também de cada paróquia. Jesus Cristo continua vivo e presente no meio daqueles que estão congregados em seu nome; e entre eles continua a exercer sua missão no mundo; não sozinho, mas contando com a participação de todos os seus discípulos missionários, aos quais concede a assistência do seu Espírito.” (Carta Pastoral, p. 9)

23. Na elaboração deste 11º Plano de Pastoral, na fidelidade a Jesus Cristo, devemos imprimir em toda ação pastoral a preocupação de tornar visível Cristo que age como Profeta, anunciador do Mistério do Pai e da Palavra da Salvação; Sacerdote, Mediador da Nova Aliança, que em seu Corpo reconcilia os homens com Deus e entre Si; e Pastor, Aquele que dá a Vida pelo seu rebanho.
24. Será, portanto, na fidelidade ao ser e agir de Cristo, por obra do Espírito Santo, que a Igreja torna-se anunciadora crível diante do mundo. À medida que se

configura com Cristo e identifica-se com Ele, dócil à ação do Espírito Santo, a Igreja torna-se testemunha, sinal e presença dEle; garantindo ao mundo a força do Evangelho que cura, transforma, salva e liberta aqueles e aquelas que o acolhem.

3. Possibilidades e desafios para a Evangelização

“As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração. Porque a sua comunidade é formada por homens que, reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em demanda do Reino do Pai, e receberam a mensagem da salvação para a comunicar a todos. Por este motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao gênero humano e à sua história.” (Gaudium et Spes, n.1)

a) Possibilidades para a ação evangelizadora

25. A primeira parte do 10º Plano de Pastoral, ou seja, o Marco da Realidade, ainda tem grande atualidade para nós, e pode ajudar-nos a nos situar diante dos “sinais dos tempos”, que interpelam e exigem da Igreja uma resposta eloqüente e eficaz.
26. Por maiores que sejam os desafios à ação pastoral, a Igreja tem consciência de que vive um “tempo de graça”, uma ocasião propícia para o testemunho dos verdadeiros valores humanos e cristãos.
27. Se por um lado há o individualismo que isola as pessoas, a desigualdade entre pobres e ricos, a onda avassaladora da droga que ceifa vidas, a violência que fere a dignidade humana, a Igreja vê também no cenário da cidade “espaço de liberdade e de oportunidades”. A cidade de São Paulo proporciona também o encontro entre as pessoas, qualidade de vida e oportunidade de educação, cultura e progresso pessoal, a possibilidade de interagir e conviver melhor, estabelecer vínculos de fraternidade e solidariedade.
28. Na metrópole se, por um lado, é possível vislumbrar nos “rostos sofredores” das pessoas que vivem nas ruas, dos migrantes, dos enfermos, dos dependentes químicos e detidos em prisões, entre outros (cf. Dap 407-430) as marcas da exclusão, por outro lado, na ação do poder público e organizações não governamentais, entidades, organismos e pastorais eclesiais pode-se vislumbrar a beleza da solidariedade, a “fantasia da caridade” que testemunha fortemente que “Deus habita esta cidade”.
29. Na cidade de São Paulo é possível reconhecer, na multidão dos trabalhadores que cuidam do dia-a-dia dos cidadãos, na ação dos bombeiros, do pessoal da limpeza, do transporte, da saúde, da educação, da segurança, das comunidades eclesiais de base, das pastorais, das entidades sociais e filantrópicas, das organizações, das

novas comunidades e dos movimentos, a vitória da vida sobre a morte, e do amor sobre o ódio, reflexo da ressurreição do Senhor.

30. Não é difícil também reconhecer na ação de milhares de cristãos leigos e leigas, de catequistas, padres, religiosos e religiosas, consagrados e consagradas, bispos, a ação do Espírito de Deus que alimenta a fé, desperta a esperança e cultiva a caridade. Quantos são os que dedicaram e dedicam suas vidas à defesa dos mais pobres, à promoção da dignidade humana, a serviço aos mais vulneráveis? Eles, tornam-se, na grande cidade, sinais luminosos de Cristo, cujo amor levou-o a dar a vida por todos.

“A Igreja tem como missão própria e específica comunicar a vida de Jesus Cristo a todas as pessoas, anunciando a Palavra, administrando os sacramentos e praticando a caridade. É oportuno recordar que o amor se mostra mais nas obras do que nas palavras, e isso vale também para nossas palavras nesta V Conferência. “Nem todo aquele que diz Senhor, Senhor...”(cf. Mt 7,21). Os discípulos missionários de Jesus Cristo temos a tarefa prioritária de dar testemunho do amor a Deus e ao próximo com obras concretas. Dizia Santo Alberto Hurtado: “Em nossas obras, nosso povo sabe que compreendemos sua dor.” (DAp 386)

b) Desafios para a ação evangelizadora

31- A cidade de São Paulo possui um acervo cultural extraordinário, com boas universidades, bibliotecas, teatros, centros de exposições, mas muitos ainda não têm acesso ao “mundo” da cultura da cidade, pois grande parte dos adolescentes e jovens não têm possibilidade de terminar o Ensino Médio e, ainda bem jovens, são obrigados a trabalhar para ajudar no orçamento familiar.

32- Embora esteja situado em São Paulo um dos maiores mercados financeiros da América Latina, com seus bancos, grandes escritórios de multinacionais, um parque industrial invejável, e extensas redes de serviços, a cidade convive ainda com a triste realidade da exclusão social. Apesar de os índices recentes apontarem para um aumento do PIB e da ascensão social da classe B ou C, as situações de pobreza formam um cinturão nas periferias da cidade e em alguns espaços do próprio centro da metrópole.

33- A cidade de São Paulo reúne um grande número de partidos políticos, movimentos sociais, sindicatos e organizações não governamentais de diferentes matrizes ideológicas em jogo no processo democrático; entretanto, ainda há pouca formação política dos cidadãos e, nas classes políticas não são poucos os casos de corrupção, a dominação de grandes grupos econômicos e abuso da autoridade.

34- O aumento da violência urbana, que gera o medo e isola as pessoas, revela a ineficácia do Estado e a sua incapacidade de coibir a violência e vencer o crime organizado. Em muitas áreas da cidade o crime organizado e o tráfico ocupam os espaços onde não há a presença do Estado, oferecendo à população serviços em troca do silêncio e do compadrio, mal se diga, com a conivência, inclusive, daqueles que deveriam combatê-los.

35- A exploração imobiliária e habitacional desordenada, favorecida, ainda hoje, pela vinda a São Paulo de pessoas de outros Estados da Nação e outros países, atraídas por promessas do mundo urbano, gera impactos sociais, que se refletem inclusive no trânsito, por falta de novos investimentos em transportes públicos de boa qualidade, que facilitem as populações que residem em áreas mais distantes locomoverem-se para o trabalho.

36- A juventude torna-se vítima fácil da indústria da droga, da violência generalizada, por falta de oportunidade para ensino de qualidade, recreação saudável, entretenimento e lazer de fácil acesso. Muitas vezes os jovens sem alternativas enveredam pelo mundo da droga e do crime por lhes faltarem perspectivas de vida e de futuro.

37- A lógica do consumismo tende a excluir os pobres, pessoas com deficiência, doentes e idosos, que acabam perdendo seu lugar social, pois são avaliados somente pelo que possuem ou aparentam possuir. Enfatiza-se o consumo como uma aspiração humana, fortalecem-se o pragmatismo e o exibicionismo (cf. DAp 50-51). Diante disso, o que está em jogo na dinâmica da cidade é a deterioração ou a construção do tecido social (cf. DAp 78).

38- Com a consolidação na cidade do individualismo nas decisões e o anonimato nas relações, as pessoas tendem a isolar-se e a viver o seu mundo. O distante e o próximo se encontram e desencontram. O futuro é incerto e, portanto, valem o aqui e agora. Sempre é tempo de tudo e para tudo; sobretudo os jovens agarram-se ao presente, como se o passado não existisse.

39- As Redes de TV, rádios, jornais, centros de Internet, agências de notícias e telefonia, (jornalistas e repórteres) são instrumentos poderosos e agentes determinantes para fazer o bem, para buscar e fazer circular a verdade, para garantir o direito, a cidadania, a liberdade, a solidariedade, pois constituem-se em formadores da opinião pública, e parecem exercer cada vez mais influência na consciência das pessoas. Transformam os fatos em linguagem comunicativa. Penetram em todos os ambientes, não poucas vezes criam e destroem sonhos, estimulam o fascínio pelo dinheiro, pelo poder e a fama.

40- No mundo virtual, tudo se transforma em espetáculo e ganha uma aparência de positividade, fama e sucesso. Embora a internet e as novas tecnologias de comunicação possam ser instrumentos eficazes para construir a fraternidade, a aproximação das pessoas de bem, a partilha daquilo que é bom e belo, muitas vezes realçam a violência, a destruição da vida, as atitudes antiéticas e criminosas. O marketing investe na imagem, seduz e gera consumidores.

41- A ética do mercado e do lucro se impõe. A política, a religião, as práticas de solidariedade, o conhecimento, a ciência se tornam mercadoria. O indivíduo se julga com o direito total à felicidade, como bem privado. As uniões passageiras, a separação entre casamento e procriação, as parcerias conjugais do mesmo sexo debilitam as relações humanas e familiares; o aborto tornou-se questão do mercado e do marketing.

42- As políticas sociais na cidade, apesar de contribuírem para ampliar as oportunidades e integrar os indivíduos, não conseguem romper as barreiras da desigualdade

social e da miséria e suas implicações. Uma das razões é o desvio dos recursos destinados às políticas sociais, cujos benefícios nem sempre chegam aos mais necessitados na cidade, e sim a políticos, empresários, redes imobiliárias, que revertem em favor próprio as necessidades do povo.

43- A degradação do meio ambiente, favorecida por grandes projetos de vias e estradas, compromete cada vez mais a qualidade de vida dos paulistanos, colocando em risco reservas ambientais que mantêm, ainda em bom nível, a temperatura da cidade e abastece a metrópole com a água de suas bacias naturais. Embora haja um crescimento da consciência e responsabilidade ecológica, ainda é grande a dificuldade de perceber que os impactos ambientais e sociais estão intimamente ligados entre si e que a ameaça ao Meio Ambiente coloca em risco a vida da população.

44- A família continua a ser o grupo mais atingido pelas mudanças, pelo individualismo e pelo subjetivismo, pela perda das referências cristãs e éticas. Questões importantes à manutenção da família e à sua conservação são tratadas com descaso e tornam-se muitas vezes motivo de deboche, como por exemplo a união estável entre um homem e uma mulher, a liberdade na educação dos filhos, a transmissão da fé às novas gerações, a defesa da vida ainda no ventre materno, a sustentação da vida em fase terminal.

45- O drama da Saúde Pública é vivido cotidianamente por grande parcela da população que aguarda ansiosamente por uma consulta, exames médicos, cirurgias, internações, terapias especializadas. Apesar de ter havido melhora em muitos serviços à saúde da população da cidade, em muitos bairros ainda é dramática a situação dos hospitais, dos AMAS, das UPSs...São insuficientes e os recursos destinados à Saúde Pública são irrisórios diante da quantidade de pessoas que necessitam de atendimento e medicamentos adequados.

46- Uma religiosidade descompromissada com o ser humano, por meio de movimentos alienantes, hoje se tornou uma prática comum, fruto de um relativismo exacerbado. A falta de convicções e fundamentadas na Palavra de Deus, a permissividade com que falsos ministros religiosos se servem da boa fé das pessoas, a fragilidade com que é transmitida a fé cristã às novas gerações, a pouca convicção em matéria de fé da parte dos próprios fiéis católicos tornam urgente uma resposta dos agentes de pastoral, que una fé e vida, e permita que, ultrapassando a esfera do privado, faça da fé elemento de conversão e transformação da vida das pessoas.

c) Desafios eclesiais na Arquidiocese de São Paulo

47. Num período como o nosso, quando as relações pessoais estão tão fragmentadas, e as convicções pessoais marcadas pela “ditadura do relativismo”, verifica-se que a formação na fé, da grande maioria dos fiéis católicos, tornou-se superficial, a ponto de se falar de um “analfabetismo religioso” por ser incapaz de levar os fiéis àquela maturidade, que implica entusiasmo e testemunho coerente da fé, acolhida das verdades contidas no “depósito da fé”; não permitindo, portanto, que a ação evangelizadora da Igreja manifeste toda a sua força, como em períodos passados, onde as dificuldades não eram menores e os desafios menos importantes. Num mundo que dá maior atenção às testemunhas, não se pode ignorar que não

é de menor importância a capacidade dos fiéis cristãos de darem “as razões de sua esperança”, através de um conhecimento aprofundado da fé e pelo testemunho vigoroso dessa mesma fé.

48. Aos poucos vai se impondo, aos pastores e fiéis da Arquidiocese de São Paulo, o desafio de um renovado compromisso com o surgimento de vocações para o sacerdócio ministerial e para a vida consagrada. À medida que os anos avançam, verifica-se a diminuição de jovens que respondem ao chamado, que Deus não cessa de fazer a homens e mulheres, jovens e adultos, para uma especial consagração de vida. Damos-nos conta que são bem poucas as paróquias que têm organizado o Serviço de Animação Vocacional (SAV), onde padres e fiéis leigos, religiosos e religiosas se empenham em despertar nos jovens o discernimento necessário para reconhecer e responder ao chamado do Senhor. O acompanhamento das crianças, adolescentes e jovens em nossas paróquias, nas diversas etapas da catequese, nos grupos juvenis, no interior dos movimentos e pastorais, deve considerar imperativa a necessidade de demonstrar a possibilidade e a beleza das vocações de especial consagração no interior da Igreja. O testemunho de padres, religiosos e religiosas fiéis e coerentes com a vocação abraçada, e pelo forte compromisso com a santidade é, sem dúvida, o mais belo convite às novas gerações para que abracem a vida sacerdotal e consagrada, com entusiasmo e alegria.

49. Com a realização do Congresso de Leigos, em 2009, foram muitas as iniciativas para despertar no laicato da Arquidiocese a consciência da sua vocação e da sua missão. Entretanto, vemos-nos ainda diante do desafio de formar os leigos para que, na perspectiva do Concílio Vaticano II, numa eclesiologia de comunhão, assumam corresponsavelmente com os seus pastores e entre si, respeitando a diversidade de vocações e ministérios, seu lugar no interior das comunidades paroquiais; e sejam, nas realidades que lhes são específicas (família, trabalho, lazer, mundo da política, da economia,...) autênticas testemunhas de Cristo, que agem como “fermento”, “sal” e “luz”, capazes de transformar as realidades temporais a partir de dentro, por meio de um vigoroso testemunho de fé unida à vida.

50. A constante migração de fiéis católicos para “grupos religiosos”, em busca de solução rápida para os seus dramas, ou para obter respostas mais consistentes à sua busca de uma fé vigorosa, deve ser um grande apelo à uma maior fidelidade da parte da Igreja Católica aos valores do Evangelho, maior clareza na exposição das “verdades da fé” que brotam da Sagrada Escritura, da Tradição viva e do Magistério da Igreja; e maior acolhimento aos que buscam na Igreja o socorro para suas necessidades e o apoio em meio às suas aflições e angústias. Somente com um autêntico e entusiasmado testemunho de fé, alimentado pela oração e sustentado pelo exemplo de tantos cristãos e cristãs católicos que alcançaram a perfeição da caridade, pela santidade de vida acompanhada de um renovado espírito missionário e capacidade de acolhida, é que nossas comunidades poderão ajudar os que se encontram sob o domínio da dúvida e do cansaço, a redescobrirem a beleza da fé católica e a sua permanente atualidade.

51. Desde a ressurreição do Senhor, várias narrativas no Livro de Atos dos Apóstolos e nos Evangelhos demonstram a importância do encontro da comunidade no Primeiro Dia da Semana, o Domingo. A cada reencontro no primeiro dia da semana, a comunidade cristã, que

“tinha tudo em comum e dividia seus bens com alegria”, realizava seu encontro com o Ressuscitado. Em nosso contexto urbano em que ocorrem as mais variadas promoções e programações que diminuem a importância do Domingo como razão e oportunidade para celebrar a dimensão comunitária da fé, num contexto onde massivamente a vida eclesial de nosso povo perde motivação e impulso, torna-se urgente reafirmar a importância cristã do Dia do Senhor. Urge incentivar, sobretudo, de forma efusiva, criativa e dinâmica, que os católicos se voltem para suas comunidades, para o encontro com o Ressuscitado presente na Eucaristia, na Palavra e onde dois ou mais se reúnem em seu nome, isto é, na Igreja, a cada semana, no Domingo, Dia do Senhor.

52. Numa época em que os laços interpessoais revelam-se tão fragilizados, marcados por uma mentalidade hedonista, que privilegia o prazer em detrimento do amor (ágape); muitas famílias têm dificuldade até mesmo em assumir a vida conjugal na perspectiva do Sacramento do Matrimônio. Na cultura do “descartável”, vê-se que não são poucos os casais que, fragilizados pela pouca formação cristã, pela forte mentalidade de busca do prazer excessivo e pela falta de valores mais aprofundados, dissolvem com facilidade a união conjugal celebrada e tornada sacramento pelo Matrimônio cristão. Além do mais, o ambiente secularizado e a ditadura do relativismo leva as famílias a descuidar da transmissão da fé às novas gerações. Os dados dos últimos levantamentos estatísticos da recepção dos sacramentos são preocupantes, revelam uma queda considerável dos que se preparam e recebem os sacramentos do batismo, da crisma, da eucaristia e do matrimônio. Daí a necessidade de a Pastoral Familiar e os Movimentos eclesiais destinados às famílias (ECC, Equipes de Nossa Senhora,...) encontrarem grande apoio em nossas paróquias e serem estimulados no seu trabalho a ajudar os casais a viver sua união matrimonial na graça do Senhor, e a comunicar às novas gerações o maravilhoso tesouro da fé.

53. Com a deterioração dos valores cristãos, surge o vasto campo da deterioração dos costumes. Honestidade e moralidade pública vão se pautando pelos interesses pessoais ou de grupos, prescindindo do fundamento ético e moral. A consciência moral da opinião pública é em muitas vezes determinada pelos fortes apelos da mídia, onde prevalece o que é “politicamente correto”, sem compromisso com a verdade e a justiça. Para muitos, a palavra da Igreja, no que diz respeito à fé e à moral, soa como agressão ao indivíduo e ao uso que ele quer fazer da sua liberdade. Muitas vezes, vítima de ideologias e comportamentos pouco éticos, a população é levada a escolhas errôneas que colocam em risco a dignidade da pessoa humana e a sacralidade da vida. Assim, a vida humana passa a ser interpretada sob enfoque utilitarista. O ser humano, vocacionado primariamente à vida já no ventre materno, desamparado e visto como mera e frágil possibilidade, corre risco de morte planejada. Tais segmentos vão mais longe quando propõem e se aprofundam pelas sendas do risco da eliminação da vida dos nascituros com deficiências físicas e intelectuais.

54. Diante da ebulição de tantas formas de comunicação, a Igreja de São Paulo vê-se muito aquém de dar uma resposta favorável aos desafios que lhe são colocados. Embora tenha seus instrumentos próprios de comunicação, como jornal semanal, emissora de rádio, sites e portais vinculados à Rede Mundial de Computadores, a Arquidiocese de São Paulo ainda enfrenta, com timidez e desarticulação, este mundo fascinante e desafiador das novas

tecnologias voltadas à comunicação. Sem dúvida, há desarticulação, desinteresse e falta de capacitação para agentes de pastoral que se envolvam nesses meios, bem como de leigos e clérigos hábeis, que não se colocam à disposição da Igreja para este serviço de inestimável importância para a evangelização. Carências como estas aqui destacadas tornam a Igreja como que acuada, restrita e tímida diante do Golias dos grandes meios de comunicação de massa e dos ousados pregadores e produtores de ideias não vinculados à Igreja e nem tampouco interessados no anúncio do Evangelho sobre os telhados, ruas e viadutos da cidade. Não bastasse a debilidade da Igreja em São Paulo em se comunicar com toda a cidade, a desarticulação e a incapacidade de estruturar sua comunicação até mesmo no seu âmbito interno intensifica e põe a nu uma de suas grandes e lamentáveis debilidades: aquela que, por causa do imperativo de evangelizar, deveria ser a mestra da comunicação, é frágil para manter, sustentar, aprimorar e promover seus próprios meios de comunicação.

55. Inquieta e aflige a missão evangelizadora da Arquidiocese de São Paulo a situação de pobreza e falta de estruturas mínimas de grande parte de suas comunidades de periferia. Exatamente em meio aos pobres e marginalizados, onde a Igreja deve demonstrar competência e manter estruturas que favoreçam a presença exemplar e profética do clero e agentes de pastoral, a falta de condições materiais e investimento denuncia outro problema básico da Igreja: estabelecer vigorosos laços de solidariedade entre comunidades e paróquias, num intercâmbio de bens e forças que não deixe faltar a ninguém, sobretudo aos pobres, o anúncio do Evangelho e seus consequentes valores de justiça e defesa dos direitos dos pequenos e marginalizados. Experiências bem sucedidas de interajuda, que entre nós receberam a definição de “paróquias-irmãs”, precisam se propagar e ser dilatadas por toda a Arquidiocese. Recursos advindos de comunidades com equilíbrio financeiro e bens a serem compartilhados devem ser alocados para comunidades mais humildes e ações pastorais em conjunto. A denúncia do relativismo e individualismo de nosso tempo deve se realizar, enfim, por meio de ações concretas de partilha e interajuda.

56. Num meio urbano de pujança impressionante e de um dinamismo agressivo, constata-se a insuficiência da presença física da Igreja em muitas áreas da cidade. A ausência da Igreja, com seus templos, capelas e centros comunitários recrudescem ainda mais o distanciamento das pessoas de uma vida eclesial participativa e testemunhal. A acelerada movimentação do mercado imobiliário, o surgimento de grandes empreendimentos habitacionais, o encarecimento de porções de terra até mesmo na periferia acirram, ainda mais, a problemática de levar a cabo a construção de novas comunidades e instalação de novas paróquias. Enfim, dada a exigência que cabe à Igreja no meio urbano, não há como não se inquietar e deixar de lado a responsabilidade de, com criatividade e partilha de recursos, manter presença ativa, sobretudo em novas áreas de urbanização como condomínios, prédios, e novos bairros.

4. Nossa vocação é evangelizar!

57. Diante do cenário desafiador em que se encontra, a Igreja é levada a colocar sua fé e confiança no Senhor Ressuscitado que jamais desampara os seus discípulos. Se são

numerosos os desafios, não são poucos os sinais de esperança, que leva a Igreja a abraçar com novo ardor a sua vocação e a sua missão!

58. À semelhança dos Apóstolos Pedro e João, que, na porta do Templo, quando interpelados pelo mendigo aleijado, respondem: “Nem ouro nem prata possuo. O que tenho, porém, isto te dou: em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, anda!” (At 3,6), os Bispos reunidos na V Conferencia Episcopal para a América Latina e Caribe, em Aparecida, afirmavam diante dos desafios que a realidade latino-americana e caribenha impõe à evangelização no continente: “Não temos outro tesouro a não ser este. Não temos outra felicidade nem outra prioridade senão a de sermos instrumentos do Espírito de Deus na Igreja, para que Jesus Cristo seja encontrado, seguido, amado, adorado, anunciado e comunicado a todos, não obstante todas as dificuldades e resistências.” (DAp 14)

59. À primeira vista pode parecer uma resposta teórica, mas na verdade ela contém a mais profunda verdade: em Jesus Cristo todo homem e todos os homens encontram a Vida. No encontro com Ele os olhos sem abrem, os ouvidos se descerram, as paralisias são vencidas... Nele o coração da humanidade se abre ao amor verdadeiro, aquele amor que faz reconhecê-lo no irmão que sofre (cf. Mt 25,31-46) e servir sem esperar recompensa.

60. De fato,

“conhecer a Jesus Cristo pela fé é nossa alegria; segui-Lo é uma graça, e transmitir este tesouro aos demais é uma tarefa que o Senhor nos confiou ao nos chamar e nos escolher. Com os olhos iluminados pela luz de Jesus Cristo ressuscitado, podemos e queremos contemplar o mundo, a história, os nossos povos da América Latina e do Caribe, e cada um dos seus habitantes.” (DAp 18)

61. Movida pela fé em Jesus Cristo, a Igreja reconhece que a sua vocação é evangelizar!

“Evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar, ou seja, para pregar e ensinar, ser o canal do dom da graça, reconciliar os pecadores com Deus e perpetuar o sacrifício de Cristo na santa Missa, que é o memorial da sua morte e gloriosa ressurreição.” (Evangelii Nuntiandi, n.14)

62. Falando da natureza da Evangelização, o Papa Paulo VI com sabedoria afirmava que o potencial evangelizador da Igreja é capaz de “modificar pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade, que se apresentam em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio de salvação” (Evangelii Nuntiandi, n. 19).

63. As Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2011-2015), aprovadas na 49ª Assembléia dos Bispos do Brasil, em Aparecida, em maio de 2011, definem como Objetivo Geral da Ação Evangelizadora:

EVANGELIZAR, a partir de Jesus Cristo e na força do Espírito Santo, como Igreja discípula, missionária e profética, alimentada pela Palavra de Deus e pela Eucaristia, à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres, para que todos tenham vida, rumo ao Reino definitivo.

64. No Continente Latino Americano e Caribenho, e, portanto, para nós na Arquidiocese de São Paulo, Evangelizar assume uma conotação particular. O Documento de Aparecida fala em “conversão pastoral” como exigência urgente para que a Igreja possa cumprir sua vocação e missão no continente latino-americano e no Caribe.

65. A “conversão pastoral” é antes de tudo uma “decisão missionária”, que no dizer dos Bispos “deve impregnar todas as estruturas eclesiais e todos os planos pastorais de dioceses, paróquias, comunidades religiosas, movimentos e de qualquer instituição da Igreja. Nenhuma comunidade deve isentar-se de entrar decididamente, com todas as forças, nos processos constantes de renovação missionária e abandonar as ultrapassadas estruturas que já não favoreçam a transmissão da fé.” (DAp 365)

“A conversão pastoral de nossas comunidades exige que se vá além de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária. Assim será possível que “o único programa do Evangelho continue introduzindo-se na história de cada comunidade eclesial com novo ardor missionária, fazendo com que a Igreja se manifeste como mãe que vai ao encontro, como casa acolhedora, uma escola permanente de comunhão missionária.” (DAp 370)

66. Na Carta Pastoral “Paróquia: torna-te o que tu és!”, Dom Odilo afirma:

“Uma coisa é certa: o futuro de nossa Igreja e da paróquia depende do nosso ânimo missionário hoje. Por isso mesmo, a preocupação missionária não pode deixar de colocar seu foco na formação religiosa das crianças e dos jovens, atraindo-os, ajudando-os a se sentirem parte da comunidade eclesial, formando-os nas riquezas da fé e nos caminhos da vida cristã. Os casais e as famílias católicas devem merecer toda a atenção e apoio para que façam de seus lares verdadeiras células de vida cristã; elas são a “primeira escola da fé” para as novas gerações (cf. DAp n. 302). Um grande trabalho missionário será realizado quando os pais cristãos fazem bem a sua parte, iniciando os filhos nas coisas da fé e introduzindo-os na vida da Igreja.” (Carta Pastoral, p. 27)

II PARTE

URGÊNCIAS NA AÇÃO EVANGELIZADORA E PASTORAL

67. No esforço de caminhar fiel à sua história, a Arquidiocese de São Paulo, buscando uma maior fidelidade a Jesus Cristo e atenta às imensas possibilidades que a Cidade de São Paulo lhe proporciona para Evangelizar, não obstante os desafios que não são poucos e muitas vezes angustiantes, deseja, através do 11º Plano de Pastoral, encontrar pistas para

desencadear uma ação audaz, decidida e comprometida com o Evangelho, onde todos os seus membros sintam-se corresponsáveis e participantes da sua Missão, no lugar e tarefa que lhes são próprios.

68. A premissa fundamental na escolha e elaboração das propostas pastorais e seus respectivos projetos, é evangelizar bem, ou seja formar discípulos missionários, consciente de que a *conversão pastoral* é o caminho para a sua realização:

“Uma verdadeira conversão pastoral deve estimular-nos e inspirar-nos atitudes e iniciativas de auto-avaliação e coragem de mudar várias estruturas pastorais em todos os níveis, serviços, organismos, movimentos e associações. Temos necessidade urgente de viver na Igreja a paixão que norteia a vida de Jesus Cristo: o Reino de Deus, fonte de graça, justiça, paz e amor. Por esse Reino, o Senhor deu a vida.” (DGAE 2011-2015, n.26)

69. A partir da *conversão pastoral e missionária*, vislumbramos a importância das Urgências Pastorais, que na verdade são urgências na evangelização. Tendo consciência da sua missão de transmitir e dar um alicerce sólido à fé, a Igreja do Brasil destaca cinco urgências na evangelização (às quais a Arquidiocese de São Paulo acrescenta uma sexta relacionada à juventude):

- 1ª Urgência: Igreja, em estado permanente de missão;
- 2ª Urgência: Igreja, casa da iniciação cristã;
- 3ª Urgência: Igreja, lugar de formação bíblica da vida e da pastoral;
- 4ª Urgência: Igreja, comunidade de comunidades;
- 5ª Urgência: Igreja a serviço da vida plena para todos;
- 6ª Urgência: A evangelização da Juventude.

70. Ao adotar as seis urgências como o roteiro para sua ação pastoral evangelizadora, a Arquidiocese de São Paulo quer incrementar o esforço já existente nas comunidades paroquiais, nos movimentos e organismos eclesiais, “à busca e ao encontro de caminhos para a transmissão e o fortalecimento da fé...” (DGAE 2011-2015, n.28)

71. É importante ressaltar que as urgências, embora tratadas particularmente, estão profundamente ligadas entre si, de tal modo que assumir uma delas exige assumir as demais.

72. Na elaboração dos programas pastorais, será importante considerar que trata-se de fazer “muito mais do que um cronograma de ações, um elenco de atividades pontuais e dispersas”. Ao agrupar as ações em programas comuns e específicos, quer-se evitar a dispersão. (cf. DGAE 2011-2015, n. 136)

73. Em cada uma das Urgências serão apresentadas algumas indicações, ou seja, chama-se a atenção para um outro aspecto, considerando a realidade pastoral da nossa

Arquidiocese, e a partir daí se faz um elenco de projetos pastorais a serem incrementados nos diversos sujeitos pastorais da nossa Igreja Particular, ou seja, paróquias, comunidades, setores pastorais, regiões episcopais, movimentos e organismos eclesiais.

1ª Urgência: Igreja em estado permanente de missão

74. “A atual consciência missionária interpela o discípulo missionário a “sair ao encontro das pessoas, das famílias, das comunidades e dos povos para lhes comunicar e compartilhar o dom do encontro com Cristo”. Estamos num tempo de urgente saída”em todas as direções para proclamar que o mal e a morte não têm a última palavra”, um tempo de esquecer o que ficou para trás e correr em busca d’Aquele que já nos alcançou (cf. Fl 3,12-14), um tempo que deve levar a uma forte comoção missionária.” (DGAE 2011-2015, n.31)

75. Destaca-se o valor e a importância do Testemunho! “A própria comunidade cristã precisa ser ela mesma anúncio, pois o mensageiro é também Mensagem.” (n.76) Daí a necessidade de valorizar a responsabilidade pessoal. As instituições e tradições são julgadas com base na ação dos indivíduos. Daí a importância de que haja maior rigor naquilo que se sente, se pensa e se faz.

76. Além deste aspecto, é necessário que todas as estruturas pastorais estejam fortemente marcadas pela “consciência missionária” (DAp n. 365), que, sem desprezar o rico patrimônio de fé e religiosidade da vida das comunidades, leve as comunidades a novas iniciativas e maior criatividade no anúncio e na transmissão da fé.

77. A dimensão missionária não é, portanto, mais uma realidade a ser trabalhada, mas é a exigência que deve estar presente em tudo o que se faz. Nossas iniciativas, preocupações, programas pastorais, devem estar impregnadas pelo anseio e o compromisso de anunciar Jesus Cristo!

78. Indicações pastorais:

1. Cada sujeito pastoral deve localizar quais os grupos de pessoas ou as categorias sociais que merecem atenção especial e lhes dar prioridade no trabalho de evangelização (cf. n.78). É preciso ir ao encontro deles, em todos os ambientes. Esta “atenção especial” pode se concretizar na formação de associações de fiéis por categorias, criação de comunidades ambientais, ações concretas de solidariedade junto dos presídios, com os moradores de rua, os menores infratores, migrantes e refugiados, etc.
2. Missões Populares – períodos de forte envolvimento dos agentes de pastoral durante o ano, visando ambientes, áreas e grupos, para um anúncio claro da pessoa, da mensagem e da redenção de Cristo, e da alegria de ser Igreja.
3. Visitas domiciliares e a outros ambientes, levando junto do anúncio explícito do Evangelho, o convite para a participação na vida das comunidades eclesiais.

4. Dar um destaque à ação ecumênica, através de momentos de oração em comum, valorizando a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos e, ao mesmo tempo, iniciativas com outras Igrejas Cristãs, como a Campanha da Fraternidade Ecumênica que se realiza no Brasil a cada cinco anos, tendo em vista os valores evangélicos da fraternidade, da reconciliação e da paz entre “os homens e mulheres de boa vontade”.
5. Favorecer também o diálogo inter-religioso, ou seja “o encontro fraterno e respeitoso com os seguidores de religiões não cristãs e com todas as pessoas empenhadas na busca da justiça e na construção da fraternidade universal”, destacando-se neste diálogo, os judeus e os muçumanos, irmãos de fé no Deus Uno, e também com as expressões religiosas dos afrodescendentes e indígenas, e também com os ateus(cf. n.83).
6. Valorizar a missão *ad gentes*, ou seja, o esforço em oferecer colaboração missionária através do envio missionário de agentes e recursos àquelas regiões do mundo, onde a presença dos cristãos é pequena, ou onde a realidade exige uma ação missionária mais determinada.

2ª Urgência: Igreja – Casa da iniciação à vida cristã

79. “A fé é dom de Deus! “Não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva” [Bento XVI, DCE,n.1]. Por sua vez, este encontro é mediado pela ação da Igreja, ação que se concretiza em cada tempo e lugar, de acordo com o jeito de ser de cada povo, de cada cultura.” (DGAE 2011-2015, N.37)

80. A adesão a Jesus Cristo implica sempre anúncio, apresentação, proclamação. Cada época tem exigências determinadas para que o anúncio de Jesus Cristo torne-se eficaz.

81. Se no passado o primeiro contato das pessoas com a Pessoa e a mensagem de Jesus Cristo se dava na família, ou mesmo na sociedade que se confessava “cristã”, hoje não se pode mais dar a fé por pressuposta.

“Tal pressuposto, não só deixou de existir, mas frequentemente acaba até negado. Enquanto, no passado, era possível reconhecer um tecido cultural unitário, amplamente compartilhado no seu apelo aos conteúdos da fé e aos valores por ela inspirados, hoje parece que já não é assim em grandes setores da sociedade devido a uma profunda crise de fé que atingiu muitas pessoas.” (BENTO XVI, Porta fidei, N.2)

82. Daí a necessidade de “desenvolver, em nossas comunidades, um processo de iniciação à vida cristã que conduza a um encontro pessoal, cada vez maior com Jesus Cristo” (n.40).

83. A iniciação cristã não se realiza numa única vez na vida de cada pessoa, nem se esgota na preparação para os Sacramentos da Iniciação Cristã; mas, ao contrário ela deve ser retificada e fortalecida inúmeras vezes, tantas quantas o dia-a-dia exigir. Assim, as comunidades devem tornar-se mistagógicas por excelência, ou seja, preparadas para permitir que o encontro com Jesus Cristo se faça e refaça permanentemente (cf. n.41).

84. Tornar a iniciação cristã uma característica da ação evangelizadora e, conseqüentemente, das comunidades eclesiais implica rever atitudes, horários, estruturas e, até mesmo, o perfil do agente evangelizador que deverá servir como “ponte” entre o “candidato” à fé e a comunidade que o acolhe e acompanha.

85. Indicações pastorais:

1. Favorecer o surgimento de uma Catequese que não seja ocasional, ligada apenas à preparação para os sacramentos, mas continuada. Por isso, investir na formação de catequistas para a Catequese nos diversos níveis, sob a orientação da Comissão de Animação Bíblico-Catequética da Arquidiocese;
2. Valorizar o atendimento personalizado das pessoas, através da acolhida, do diálogo inter-pessoal, da reflexão sobre a experiência de vida, no respeito à liberdade de cada pessoa, como pela sua experiência;
3. Formar os catequistas para serem verdadeiros pedagogos na fé, ou seja, que busquem *a persuasão do interlocutor pelo testemunho de vida e por uma argumentação sincera e rigorosa*, que estimula a busca da verdade (cf. n.88);
4. Sendo a comunidade eclesial o lugar da educação na fé, o processo formativo não pode se reduzir a cursos, pois exige a participação na vida da comunidade. Neste processo dê-se destaque-se ao encontro com Jesus Cristo, à conversão, ao discipulado, à comunhão e à missão.
5. Hoje, a formação dos leigos exige atenção especial à criatividade, para favorecer o interesse e a participação do maior número de pessoas, servindo-se, para isso, dos recursos dos meios de comunicação, das possibilidades oferecidas pelas mídias sociais e pelas novas formas de educação.
6. Celebrar intensamente o ANO DA FÉ proclamado pelo Papa Bento XVI para o período de 11/10/2012 a 24/11/2013, a partir da Nota com indicações pastorais para o Ano da Fé, da Congregação para a Doutrina da Fé, de 5 de janeiro de 2012, que propõe um estudo mais aprofundado do Catecismo da Igreja Católica (através do Compêndio, YouCat, ou elaboração de textos mais adaptados do próprio Catecismo), pois o conhecimento doutrinal é essencial para a vida de fé: sem saber o que cremos, não dá para saber o que viver, o que testemunhar e o que celebrar.

7. Formar o cristão adulto na fé, com um cuidado constante no aprofundamento e comunicação da própria fé, de maneira integral, seja no interior das Paróquias e Comunidades, seja nas próprias famílias, e nas instituições católicas. Estas colaboram na educação e formação das crianças, adolescentes e jovens (Escolas Católicas, Universidades, etc.), de modo que os católicos bem formados sejam capazes de “dar as razões de sua esperança”, através de atitudes conscientes, perseverantes e responsáveis, iluminadas e sustentadas pela fé, fazendo da participação litúrgica, através da valorização da Missa dominical e dos demais sacramentos, a fonte e o ápice da vida cristã.

3ª Urgência: Igreja – comunidade animada pela Palavra de Deus

86. “Na alvorada do terceiro milênio, não só existem muitos povos que ainda não conheceram a Boa-Nova, mas há também muitos cristãos que têm necessidade que lhes seja anunciada novamente, de modo persuasivo, a Palavra de Deus, para poderem assim experimentar concretamente a força do Evangelho...particularmente as novas gerações têm necessidade de ser introduzidas na Palavra de Deus através do encontro e do testemunho autêntico do adulto, da influência positiva dos amigos e da grande companhia que é a comunidade eclesial.” (BENTO XVI, Verbum Domini, nn.96.97)

87. Hoje, compreende-se que não basta um contato casual e momentâneo com a Palavra de Deus; ao contrário, este contato com a Palavra de Deus tem que ser profundo e vivencial, onde as pessoas sejam levadas a contemplar a própria vida à luz da Palavra e, assim, possam empenhar-se por colocá-la em prática efetivamente.

88. Trata-se de acolher a Palavra com a Igreja e na Igreja, superando uma leitura isolada; mas, ao contrário, favorecendo a leitura da Palavra de Deus na comunhão dos muitos irmãos e irmãs que se alimentam da Palavra e se esforçam por aprofundá-la nos pequenos grupos, nas comunidades eclesiais de base, nos encontros dos movimentos e organismos eclesiais, e nas novas expressões de vida consagrada.

89. Destaca-se neste esforço de fazer da Igreja o habitat da Palavra de Deus, a Leitura Orante da Bíblia, por meio da qual o leitor pode não só aproximar-se da Palavra, mas do Deus da Palavra, superando a dicotomia entre fé e vida, através da leitura, meditação, oração e contemplação a partir da Palavra de Deus.

90. A animação bíblica da pastoral é o esforço de iluminar com a Palavra de Deus toda a vida. É um caminho de conhecimento e interpretação da Palavra, um caminho de comunhão e oração com a Palavra e um caminho de evangelização e proclamação da Palavra. (cf. n. 53)

91. Indicações pastorais:

1. Estimular as iniciativas por colocar a Bíblia nas mãos de todos, especialmente dos mais pobres; e oferecer, em lugares cada vez mais amplos, espaço para que as pessoas sejam ajudadas a ler corretamente a Escritura, e a interpretá-la com a fé da Igreja.

2. Incrementar a animação bíblica da pastoral, com seus agentes e suas equipes, fazendo da Igreja “escola de interpretação da Palavra, escola de comunhão e oração com a Palavra e escola de evangelização e proclamação da Palavra” (Dap n.248; VD, n. 73)
3. Criar e fortalecer em todos os níveis da ação evangelizadora (paroquial, setorial, regional e arquidiocesano) as equipes de animação bíblica da pastoral, com o objetivo de aproximar cada pessoa da Palavra de Deus, para conhecê-la e interpretá-la corretamente, através de retiros, cursos, encontros, subsídios para a leitura individual, familiar e em pequenos grupos;
4. Apoiar e investir nos grupos de famílias, círculos bíblicos e pequenas comunidades que se reúnem para a meditação e vivência da Palavra, em estreita relação com a realidade social em que vivem.
5. Favorecer o conhecimento da Palavra e o seu aprofundamento nos ambientes secularizados e entre os não crentes, assim como nas escolas e universidades, sobretudo através da educação religiosa, estimulando também as manifestações artísticas inspiradas na Sagrada Escritura, e a utilização dos novos meios de comunicação social, especialmente a internet com inúmeras redes sociais.
6. Utilizar, nos encontros paroquiais das comunidades eclesiais, movimentos e organismos eclesiais, a *Lectio Divina* com os seus quatro momentos – leitura, meditação, oração, contemplação – que favorece o encontro pessoal com Jesus Cristo, o Verbo de Deus.
7. Investir na formação continuada dos ministros e ministras da Palavra, cuidando com uma adequada formação do exercício do múnus de leitor na celebração litúrgica, capacitando-os não apenas bíblica e liturgicamente, mas também tecnicamente.
8. Valorizar a homilia que precisa atualizar a mensagem da Bíblia de tal modo que os fiéis sejam levados a descobrir a presença e a eficácia da Palavra de Deus no momento atual de sua vida.
9. Destacar nas comunidades a leitura e reflexão da Constituição Dogmática Dei Verbum do Concílio Vaticano II, tendo em vista a comemoração dos 50 anos do início do Concílio e da publicação desse documento conciliar, e a Exortação Apostólica “Verbum Domini”.

4ª Urgência: Igreja – comunidade de comunidades

92. “A dimensão comunitária é intrínseca ao mistério e à realidade da Igreja, que deve refletir a Santíssima Trindade (Dap n.304). Sem vida em comunidade, não há como efetivamente viver a proposta cristã, isto é, o Reino de Deus. A comunidade acolhe, forma e transforma, envia em missão, restaura, celebra, adverte e sustenta.” (DGAE 2011-2015, n. 56)

93. Ao falar da importância da dimensão comunitária para a vivência da fé, não se pode ignorar que hoje existem comunidades transterritoriais, ambientais e afetivas. Entretanto, é na paróquia que a maioria das pessoas, atualmente, se relaciona com a Igreja. Daí a importância das paróquias que “precisam tornar-se sempre mais comunidades vivas e dinâmicas de discípulos missionários de Jesus” (n.57)

94. Com o Destaque Pastoral “Paróquia: comunidade de comunidades”, assumido na nossa Arquidiocese nos anos 2011-2012, vimos crescer entre nós uma maior consciência da importância de valorizar a vida da paróquia, “comunidade dos discípulos missionários”.

95. A Carta Pastoral de nosso Arcebispo o Cardeal Dom Odilo P. Scherer ajudou-nos a tomar consciência de que “a paróquia é, na expressão local e concreta, aquilo que a Igreja é no seu todo. Na paróquia, a Igreja manifesta de maneira próxima e perceptível sua vida e sua missão; ela é uma comunidade organizada de batizados, de bens espirituais, simbólicos e materiais, de organizações e iniciativas que fazem a Igreja acontecer num determinado espaço e contexto...A Igreja corre o risco de “rodar no vazio” e de ser reduzida a uma série de estruturas, instituições e organizações, sem chegar às pessoas concretas, se as paróquias não vivem bem sua identidade e missão e não são a expressão de comunidades vivas e dinâmicas, ou se carecem de objetivos e organização pastoral” (Dom Odilo Pedro Scherer, Carta Pastoral *Paróquia: torna-te o que tu és!*” p.5)

96. No seio das paróquias, existem as Comunidades Eclesiais de Base e outras formas de comunidades menores, como novas formas de agregações (associações de fiéis, novas comunidades, movimentos eclesiais, pastorais) que propiciam vínculos profundos entre as pessoas e a interação fé e vida (cf. n.60).

97. Indicações pastorais:

1. Que as paróquias que proporcionam os “chamados serviços paroquiais, deixando insatisfeito um bom número de pessoas que buscam formas mais comunitárias de viver sua fé”, transformem-se em “comunidade de comunidades vivas e dinâmicas de discípulos missionários de Jesus Cristo”. (n.99)
2. Que se invista na “setorização em unidades territoriais menores, com equipes próprias de animação e de coordenação que permitam maior proximidade com as pessoas e grupos que vivem na região” (cf. n.100)
3. As CEBs, forma privilegiada de vivência comunitária da fé, inseridas no seio da sociedade em perspectiva profética, e inseridas nas suas respectivas paróquias, devem ser estimuladas, apoiadas e ajudadas a manterem-se fiéis à sua razão de ser e à sua missão: interação entre fé e vida, surgimento de novos serviços leigos e leigas, lugar da educação da fé de adultos e compromisso evangelizador e missionário junto aos mais afastados.
4. Apoiar as novas comunidades, que surgem dos movimentos, de grupos de vida, de oração e de reflexão da Palavra de Deus, insistindo sempre que se integrem na vida paroquial, de forma que a paróquia torne-se, com a participação de todas as

expressões comunitárias nela existentes (CEB's, novas comunidades, comunidades religiosas, associações de fiéis...), comunidade de comunidades. (cf. n. 104)

5. Favorecer e estimular a experiência das paróquias-irmãs no interior da Arquidiocese, onde a partilha e a comunhão dos recursos entre comunidades estavelmente estabelecidas e comunidades mais novas ou mais carentes de recursos ou de apoio pastoral expresse a Igreja como mistério de comunhão.
6. Estimular os fiéis para que, no decorrer da celebração dos 50 anos do Concílio Vaticano II, conheçam e reflitam sobre a Constituição Apostólica *Lumen Gentium*, para redescobrir a sua vocação eclesial.

5ª Urgência: Igreja a serviço da vida plena para todos

98. “Ao longo de uma história de solidariedade e compromisso com as incontáveis vítimas das inúmeras formas de destruição da vida, a Igreja se reconhece servidora do Deus da Vida. A nova época que, pela graça deste mesmo Deus, haverá de surgir precisa ser marcada pelo amor e pela valorização da vida, em todas as suas dimensões. A omissão diante de tal desafio será cobrada por Deus e pela história futura.” (DGAE 2011-2015 n. 66)

99. Um dos grandes testemunhos da Igreja, ao longo da sua história, é o seu compromisso com a vida. Como nas épocas passadas, também na nossa época a fé se torna eloquente e compreensível aos olhos dos homens quando se traduz em serviço à vida.

“A fé sem a caridade não dá fruto, e a caridade sem a fé seria um sentimento constantemente à mercê da dúvida. Fé e caridade reclamam-se mutuamente, de tal modo que uma consente à outra de realizar o seu caminho. De fato, não poucos cristãos dedicam amorosamente a sua vida a quem vive sozinho, marginalizado ou excluído, considerando como o primeiro a quem atender e o mais importante a socorrer, porque é precisamente nele que se espelha o próprio rosto de Cristo. Em virtude da fé, podemos reconhecer naqueles que pedem o nosso amor o rosto do Senhor ressuscitado.” (BENTO XVI, *Porta fidei*, N.14)

100. “O discípulo missionário não se cala diante da vida impedida de nascer, seja por decisão individual, seja pela legalização e despenalização do aborto. Não se cala igualmente diante da vida sem alimentação, casa, terra, trabalho, educação, saúde, lazer, liberdade, esperança e fé. Torna-se, deste modo, alguém que sonha e se compromete com um mundo onde seja efetivamente reconhecido o direito a nascer, crescer, constituir família, seguir a vocação, crer e manifestar sua fé, num mundo onde o perdão seja a regra; a reconciliação, meta de todos; a tolerância e o respeito, condição de felicidade; a gratuidade, vitória sobre ambição. O discípulo missionário reconhece que seu sonho por vida eterna leva-o a ser, já nesta vida, parceiro da vida e vida em plenitude.” (n. 69)

101. Indicações pastorais:

1. Dar sempre à família uma atenção especial. Ela é patrimônio da humanidade, escola de comunhão, o primeiro lugar para a iniciação à vida cristã, onde os pais são os primeiros catequistas. Por ser considerada um “eixo transversal da ação pastoral”, a família precisa ser respaldada por uma pastoral familiar intensa, vigorosa e frutuosa.
2. Uma maior atenção (deve ser dada) às crianças, adolescentes e jovens pelas nossas comunidades eclesiais. O trabalho pastoral realizado pela Pastoral da Criança e pela Pastoral do Menor merece um grande apoio para evitar que crianças e adolescentes tornem-se vítimas precoces do abandono, da violência, das drogas e abusos, ou então lhes sejam negadas oportunidades e perspectivas de futuro.
3. Acompanhar a ação dos trabalhadores e trabalhadoras, criando e apoiando alternativas de geração de renda, assim como a economia solidária, o acesso ao crédito popular, a busca do desenvolvimento local sustentável e solidário.
4. Apoiar o trabalho da CARITAS (CASP – CARITAS DA ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO), nas campanhas emergenciais, nos projetos de economia solidária e geração de renda, na acolhida e encaminhamento dos migrantes.
5. Incentivar a realização do FORUM das Pastorais Sociais na Arquidiocese, sob a direção da Coordenação Pastoral da Caridade Justiça e Paz, visando o entrosamento e troca de experiências entre as diversas pastorais que atuam nas realidades sociais mais desafiadoras e o aprofundamento da Doutrina Social da Igreja.
6. Acompanhar e estimular o trabalho realizado pela Comissão Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo e o Centro Santo Dias, na defesa dos direitos humanos, no combate à tortura, à truculência dos regimes autoritários, e à violência contra os mais excluídos da sociedade.
7. Apoiar a organização da Pastoral Afro e da Pastoral Indigenista em vista da inclusão social e da superação de toda discriminação e racismo, pela afirmação de seus direitos, cidadania, projetos próprios de desenvolvimento e consciência de suas próprias culturas.
8. Educar os fiéis à preservação da natureza e o cuidado com a ecologia, através de atitudes que respeitem a biodiversidade e ações que zelem pelo meio ambiente.
9. Estimular a participação social e política dos cristãos leigos e leigas nos diversos níveis e instituições, promovendo a sua formação permanente e ações concretas. Neste sentido, seja sempre incentivada a participação ativa e consciente nos Conselhos de Direitos Humanos.

10. Favorecer a participação nos Conselhos Paritários e a colaboração e parceria das instituições católicas com outras instituições privadas ou públicas, com os movimentos populares e outras entidades da sociedade civil, no sentido de reivindicar democraticamente a implantação e execução de políticas públicas voltadas para a defesa e a promoção da vida e do bem comum, conforme a Doutrina Social da Igreja.
11. Dar especial atenção à presença da Igreja nas periferias da cidade, e também à Pastoral Carcerária.
12. Investir na formação de pensadores e pessoas que estejam em níveis de decisão, evangelizando os “novos areópagos”. Fortalecer a Pastoral Universitária, o Vicariato da Pastoral para a Comunicação e a Pastoral da Educação.
13. Acompanhar e apoiar a ação do Vicariato da Pastoral para o Povo da Rua, favorecendo a inclusão social, as expressões de religiosidade popular, o crescimento e aprofundamento da fé e o testemunho da fé que age pela caridade.
14. Esforçar-se para que haja conhecimento amplo e decidido e a aplicação da Doutrina Social da Igreja, como decorrência imprescindível da própria fé cristã.
15. Educar para o valor da vida humana, a dignidade e os direitos humanos, o cultivo da saúde, a prática das virtudes humanas e a superação dos vícios.
16. Prevenir contra o consumo das drogas e outras formas de agressão à dignidade da pessoa e da vida humana.
17. Educar para uma vida sexual sadia, regrada, respeitosa e responsável.

6ª Urgência – A Evangelização da Juventude

102. “A evangelização da juventude interessa muito à Igreja e aos seus pastores. Temos um compromisso sério com a formação das novas gerações que, pressionadas por tantas propostas de vida, necessitam de muito discernimento, de coragem, de verdadeiros caminhos e, principalmente, de nossa presença amiga. Os jovens têm o direito de receber da Igreja o Evangelho e de ser introduzidos na experiência religiosa, no encontro com Deus e no contato com as riquezas da fé cristã”. (Doc. 85 CNBB, p.5)

103. Como resultado da Assembléia Arquidiocesana de 29 de outubro de 2010, a evangelização da juventude foi assumida também como urgência.

104. Ao nos depararmos com essa urgência, nos deparamos com uma questão fundamental para a evangelização, ou seja, a transmissão da fé às gerações mais novas:

105. “A fé há de ser apresentada aos jovens como um encontro amoroso com Deus, que toma feições humanas na pessoa de Jesus Cristo. Desse modo, estarão em jogo duas realidades: o encontro pessoal com Jesus Cristo e a aceitação de um projeto de vida baseado no seu Evangelho.” (Doc. CNBB nº 85, n.3)

106. “A beleza da juventude e os inúmeros desafios para a plenitude de sua vida exigem urgentes iniciativas pastorais nas diversas instâncias de nossa ação evangelizadora. O combate à apologia e ao uso das drogas, a todo tipo de violência e extermínio de jovens, uma atraente proposta vocacional e a oferta de um itinerário para a organização de seu projeto pessoal de vida contribuirão com a vida plena desta parcela tão significativa de nossa Igreja e sociedade.” (DGAE 2011- 2015, 81)

107. A Arquidiocese de São Paulo ao assumir essa urgência quer renovar a opção afetiva e efetiva de toda a Igreja pela juventude, e convocar todas as forças eclesiais: paróquias, comunidades, pastorais, movimentos, associações e novas comunidades a se empenharem na acolhida, formação e evangelização dos jovens.

108. Indicações pastorais:

- 1) A paróquia deverá repensar suas atividades pastorais com especial atenção à juventude, fortalecendo e ampliando o que já existe e criando espaços, como também estratégias, para se fazer presente entre os jovens que estão fora da igreja (escolas, universidades, shoppings....). Essas estratégias deverão ser pensadas considerando o aspecto missionário na formação dos jovens.
- 2) Envolver as organizações eclesiais nas atividades da Jornada Mundial da Juventude 2013. É sabido que, em todos os países onde já aconteceram as JMJ, houve um aumento na participação dos jovens na vida da Igreja, inclusive com surgimento de novas vocações à vida consagrada. Nesse sentido, devemos pensar na pré-Jornada e na JMJ como uma oportunidade de diálogo, aproximação, acolhimento, envolvimento e animação da juventude em nossa Igreja de São Paulo, indo além de apenas preparação de um grande evento.
- 3) Organizar o Setor Juventude buscando a unidade entre as forças eclesiais que trabalham com jovens na diversidade de carismas e pedagogias de trabalho, e proporcionar o fortalecimento de uma espiritualidade adequada aos jovens.
- 4) O trabalho com a juventude pressupõe alegria, paciência e perseverança. As paróquias e comunidades precisam identificar pessoas com essas características e motivá-las a uma capacitação para desenvolver atividades com os jovens.
- 5) No mundo juvenil é imprescindível, nos dias de hoje, o conhecimento da informática e de novas tecnologias. Devemos identificar jovens em nossas comunidades que se utilizem desse conhecimento para a evangelização de outros jovens.
- 6) Na perspectiva da renovação paroquial, na qual a paróquia deve ser uma “comunidade de comunidades”, é importante investir na criação de comunidades jovens que agrupem jovens com interesses afins (música, teatro, literatura, rock.....). Que essas comunidades sejam permeadas pelos princípios cristãos (justiça, fraternidade, alteridade, gratuidade...)

